

# A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA: CHICO RIBEIRO EM SANTA MARIA

Juliana Sortica da Veiga e Grazielle Pês Turchiello©

## RESUMO

Com o objetivo de tornar mais conhecida a produção poética do santa-mariense Chico Ribeiro, apresenta-se a análise dos poemas "Teus Olhos" e "Querência", respectivamente classificados nas vertentes temáticas lírica e campeira. Abordando também alguns aspectos formais e contextuais, espera-se com isso saldar, ainda que muito fique por ser feito, a dívida que se tem com esse ilustre filho de Santa Maria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chico Ribeiro, poemas, Santa Maria

## INTRODUÇÃO

Com o intuito de analisar a poesia de Chico Ribeiro, foram selecionados dois poemas a respeito dos quais será feita uma breve análise. Antes, porém, cabe-nos fazer uma pequena apresentação do poeta em questão, já que a história, por longo tempo, privou-nos do conhecimento do poeta que, ainda aos 95 anos, brindava-nos com sua mestra poesia.

Durante 27 anos, o Sr. Ribeiro trabalhou na Viação Férrea do Rio Grande do Sul, onde era reconhecido por todos pelo humor ferino e pela alegria que demonstrava em viver. Entre suas paixões, destacava-se a poesia – objeto de nossa análise. Faleceu em 1996, deixando vivos, porém, os versos que se imortalizaram em seus poemas. A respeito dos assuntos em torno dos quais se desenvolve sua produção poética, Aristilda Rechia (1999:183) afirma:

Seus versos, ora prenhes de humor, ora de lirismo, ora satíricos e críticos; ora laudatórios ou regionalistas, são uma fotografia fiel das pessoas e dos fatos sob a ótica de sua criação.

Estabelecidos os parâmetros que norteiam a temática da poesia de Chico Ribeiro, passamos então a uma contextualização do período em que se dá sua produção. Considerando que, quanto à poesia, o Modernismo repercutiu discretamente no Rio Grande do Sul no início do século XX, devido ao regionalismo ter marcado, desde muito cedo, a produção literária no Estado, é explicável o fato da vertente simbolista ter sido a principal tendência entre os autores gaúchos da primeira metade do século. Zilberman (1980:77) esclarece que:

as marcas simbolistas só vão mesmo atenuar-se e abrir espaço para outras estéticas, no Estado, após 1960. Até lá, com exceção do grupo Quixote, surgido em 1946, que recusou o regionalismo tradicional e de louvação, bem como o simbolismo, as letras gaúchas permaneceram ligadas ao ideário simbolista, privilegiando uma temática de interioridade, voltada para a expressão de um eu lírico e de sentimentos pessoais.

Na seção seguinte, passamos às análises propriamente ditas.

## 1 Análise da temática lírica

No poema "Teus Olhos", Chico Ribeiro soube inserir com maestria alguma das características predominantes da estética simbolista, como percebemos a seguir:

Teus Olhos

Esses teus olhos, ágeis, colorindo  
O círculo de sombras das olheiras,  
Dão-me a impressão de pássaros, fugindo  
À chama crepitante das fogueiras!

Lembram dois sóis de maio luzidindo,

Pondo em relevo as tardes brasileiras;  
Entram na gente...entram...vão ferindo  
Como o feitiço das enredadeiras!

E, longe de teus olhos encantados,  
Os meus olhos se alargam, palpitando  
No fundo das pupilas... assustados;

E o coração, um bronze em desatino,  
O músico das horas, procurando  
O templo de teus olhos pequeninos!

Esse é um dos poemas líricos de Chico Ribeiro. Soneto, poema composto de quatorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. As rimas são externas, consoantes, cruzadas e predominantemente pobres, os versos são decassílabos.

Segundo Costa (1988):

Seus textos são musicais, pelo ritmo e sonoridade dos versos, como também alcançaram efeitos de intensa beleza plástica, em função das imagens que transfiguram esteticamente os conteúdos desenvolvidos.

Fazendo referência à citação exposta acima, percebe-se claramente, já na primeira estrofe, a musicalidade dos versos quando o sujeito lírico compara o movimento dos olhos da suposta mulher amada com o vôo dos pássaros. Com essa descrição, temos a impressão de que tais cenas ocorrem ante nossos olhos, tamanho poder plástico na descrição minuciosa destes versos: “Esses teus olhos ágeis, colorindo/ O círculo de sombras das olheiras,/ dão-me a impressão de pássaros, fugindo/ À chama crepitante das fogueiras!”; é como se os olhos dela tivessem o poder de colorir, de emitir luz em que a sombra predomina. As cores e a luz são elementos que impulsionam a vida, o amor.

Na segunda estrofe, o sujeito lírico continua comparando os olhos dela a elementos que emitem luz, esperança, como ocorre em “Lembram dois sóis e maio

luzidindo,/ Pondo em relevo as tardes brasileiras!”. Nesses versos, “dois sóis de maio” são comparados ao olhar intenso e violento da mulher amada, como a força do sol penetrante que arde e fere nos olhos. Nessa estrofe, ele faz também uma comparação do resultado do olhar que fere com o “feitiço das enredadeiras”, ou seja, compara o olhar que fere com o sentimento de perturbação que um boato pode causar.

Na terceira estrofe, há uma quebra na unidade de sentido que vinha sendo estabelecida, pois aqui a luz dos olhos dela some (“E longe de teus olhos encantados”). Percebemos que o olhar da mulher amada ainda emite luz, porém afastados do ser que a ama. Com isso, os olhos do eu-lírico se “alargam, palpitando”, ficam completamente desesperados, pulsando “assustados”, como se a escuridão o dominasse e o sentido da vida acabasse.

Na quarta estrofe (“E, o coração, um bronze em desatino”), é perceptível o uso do símbolo de um sino, que se refere à angústia de um coração que badala na esperança de, com esse clamor, reencontrar o brilho dos olhos dela que dá sentido à vida.

## 2 Análise da temática campeira

Para que possamos entender melhor a temática regionalista de nosso autor, é preciso primeiramente salientar que Chico Ribeiro traduz em suas poesias as nossas peculiaridades regionais e a nossa realidade particular. A respeito disso, Costa (1988:8) afirma:

Com experiência de gaúcho vivido nos pagos do Rio Grande do Sul e conhecedor profundo da história de nosso Estado, o poeta constrói uma poesia regionalista séria, ao mesmo tempo lírica e épica, na qual não só resgata paisagem, episódios históricos, costumes e tradições, ao lado do perfil guapo, original e humano do gaúcho, como principalmente faz tudo isso com sentimento e emoções contagiantes.

Alguns dos elementos acima citados são facilmente percebidos no poema "Querência", soneto de versos livres, de rimas intercaladas e são predominantemente pobres.

### Querência

Querência é para mim o incêndio da alvorada,  
Os lances do Minuano, as cargas do Pampeiro:  
a charla, o mate-amargo, a carne chamuscada  
o pingo, a recolhida e o fogo do tropeiro...

Querência é para mim o estalo da queimada  
o tranco do boi manso, as manhas do tombeiro;  
a cisma da tapera, o campo em flor, a estrada,  
o pialo, a marcação, e os causos do campeiro...

Querência é, finalmente, o guasca Bueno, guapo;  
a china cor da terra, o rancho alevantado,  
no topo da coxilha, em barro e santa fé.

O chão que modelou o pulso do farrapo,  
o mesmo que nos veio – e roto, e ensangüentado,  
da ronda das Missões, do pó de Caiboaté.

A paisagem resgatada no poema é claramente o solo gaúcho, representado aqui por uma longa metáfora que constitui a definição do que é a querência. Na concepção do gaúcho menos sensível, isso seria apenas o lugar onde se cria o gado e suas redondezas, um lugarejo ao qual se afeiçoam aqueles que por ali vivem, mas, para o poeta, a querência, sua terra, é um compêndio das coisas mais caras para o bom tradicionalista: o chimarrão, o churrasco, o cavalo amigos nas lidas campeiras, os campos floridos e a mulher.

A definição da querência inicia na primeira estrofe, seguindo um mesmo movimento metafórico até a terceira estrofe, na qual se encerram as alusões aos símbolos gaúchos que são mais comuns e atuais. Na quarta estrofe, acontece uma quebra parcial desse primeiro movimento, havendo a elipse do termo "querência" para a definição que segue. Diz-se que essa ruptura é apenas parcial porque, agora o poeta alude a um símbolo do Estado que se encontra num campo mais intimamente ligado à história e que, talvez por isso, mereça ocupar uma posição de destaque no poema: o seu fecho. Nesse momento, o poema apresenta a recordação melancólica, mas não por isso menos cheia de brios, do regresso de honra, ainda que não vitorioso, dos nossos heróis farroupilhas. A chamada Revolução Farroupilha (1835-1845) foi o maior dos conflitos internos enfrentados pelo Império brasileiro no século XIX, o que mostrou ao restante do país a bravura e a coragem dos gaúchos e de seus ideais – fato que não pode servir senão de orgulho ao povo do Rio Grande do Sul.

### CONCLUSÃO

Finalmente, cabe apropriar-nos da frase de Augusto Meyer para nos referir à produção poética campeira de Chico Ribeiro: "a nossa produção regionalista é espontânea como um arroio e possui aquela evidência interior que só existe quando o homem cria em colaboração com a sua essência." Essa idéia aplica-se também as demais categorias de poesia do referido poeta, já que seu gênio inventivo manifestou-se significativamente em toda sua vasta produção.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Lígia M. in *Antologia Poética – Chico Ribeiro*. Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1988.

PESAVENTO, Sandra J. **A Revolução Farroupilha: História e Interpretação.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

RECHIA, Aristilda (org). **Antologia Poética – Chico Ribeiro.** Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. **Santa Maria – Panorama Histórico Cultural.** Santa Maria: Associação Santa-Mariense de Letras, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

## NOTA

---

© Trabalho orientado pela professora Dr. Ceres Helena Ziegler Bevilaqua e desenvolvido pelas alunas Juliana Sortica da Veiga e Grazielle Pês Turchiello do Curso de Letras da UFSM, participantes do projeto de pesquisa *Construção da Identidade na Representação Literária: Chico Ribeiro em Santa Maria* (PIBIC/CNPQ).